

**Capa**

Saúde dá vida a novas empresas

Há vários desafios no mundo da saúde. Muitos deles despertam oportunidades de negócio. E surgem projectos que dão origem a empresas, que nascem logo a olhar para o mercado internacional.

ALEXANDRA MACHADO amachado@negocios.pt

Saúde | O envelhecimento da população

As ciências da vida estão no radar das empresas de capital de risco, dos "business angels" (investidores particulares) e dos fundos de investimento. Ainda que em 2011 não tenha sido uma no relevante em investimentos de capitais de risco neste sector em Portugal, há vários projectos que estão a ser desenvolvidos em colaboração com algumas destas empresas, nomeadamente as sociedades veículo criadas com "business angels".

Na Europa, as capitais de risco investiram, em 2011, um total de 4,9 mil milhões de euros no sector das ciências da vida, num montante global que atingiu os 45 mil milhões de euros. Em Portugal, segundo os últimos dados a APCRI (Associação Portuguesa de Capitais de Risco), 2011 foi um ano recorde em termos de investimentos, totalizando 423 milhões de euros, mas as ciências da

vida não estiveram no centro das atenções, embora todos os anos sejam apontadas como alvos.

Em Portugal, no entanto, crescem os novos projectos ligados às ciências da vida, sendo grande parte "spin-offs" de instituições de investigação nacionais ou com ligações a estas. No entanto, um estudo do ISEG, para o Health Cluster Portugal, avança que "o investimento angariado por essas 'start-ups' fica muito aquém das médias internacionais e tem origem essencialmente em fontes nacionais". De facto, Orfeu Flores afiança que "o sector da biotecnologia tem sido demasiado dependente de capitais de risco públicas e do programa QREN (Quadro de Referência Nacional)".

Crise desmotivava?

O momento de crise, que obriga o Estado a cortar também na saúde, está a desmotivar os empreendedo-

res. Em contraponto, Raquel Sousa, fundadora da Increase Time, diz que o actual momento até pode favorecer investimentos nesta área. É que, explica, investir em novos meios de diagnóstico e de tratamento poderá contribuir, também, para esse corte de custos. Esta versão optimista não é, no entanto, partilhada para todos. Daniela Couto, fundadora da Cell2B, admite que o momento possa limitar os investimentos. Mas estas duas empresas são mesmo exemplos de projectos que nascem num período de crise.

Joaquim Cunha, director executivo da Health Cluster Portugal, acredita que a realidade tem demonstrado que as empresas não se deixam intimidar pela crise e "procuram encontrar janelas de oportunidade nos momentos de maiores dificuldades".

Não é apenas a exigência de maior eficiência que conduz a no-

vas oportunidades. Também os desafios com o envelhecimento da população garantem novas áreas de negócio. Ou, ainda, o maior conhecimento de áreas médicas.

Investigação dá frutos

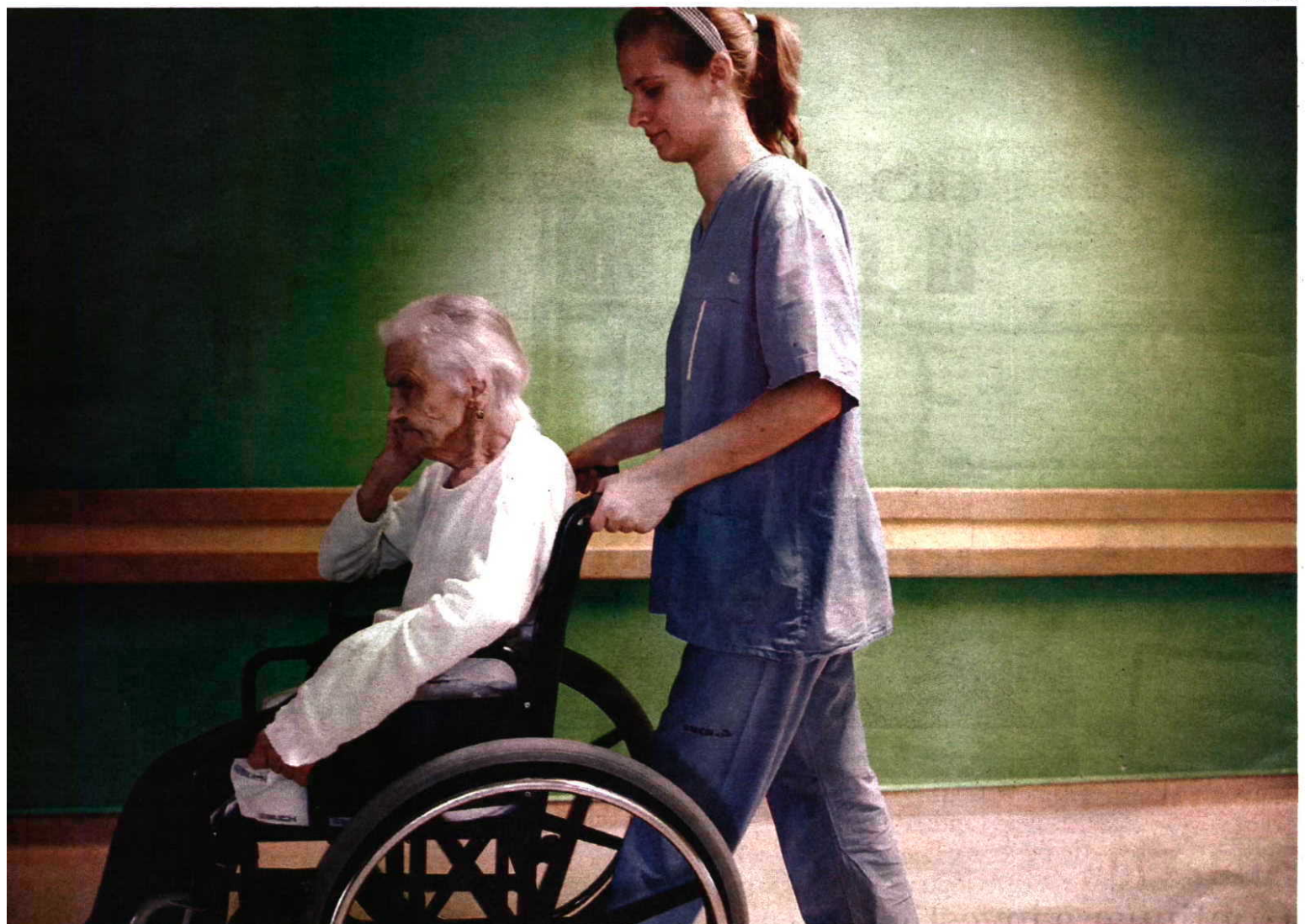
A investigação universitária também contribui para o maior número de "start-ups" nas ciências da vida. Também é pela investigação que tem passado a afirmação portuguesa nesta área a nível internacional.

Havendo tantos projectos a sair do meio universitário e de institutos de investigação, é de esperar que o reconhecimento internacional chegue também às empresas. E tem chegado. Aliás, há vários exemplos de companhias de base tecnológica da saúde criadas em ligação com a investigação. Pode-se, nestes casos, incluir a Alfama, a Crioestamina, a CGC, a Biopremier, a Bioteca, a Bio-

trend, a Biotecnol, entre outras.

Joaquim Cunha - como aliás as empresas contactadas pelo negócio - acredita que nos próximos anos será visível um aumento do número de empresas portuguesas a operar o mercado global da saúde. Aliás os números expressam isso mesmo. Em 2011, já se exportaram 900 milhões de euros de produtos e serviços ligados à saúde.

Para Joaquim Cunha Portugal dispõe de várias condições para ser bem sucedido lá fora: empresas já globalizadas, universidades que apostam na inovação, instituições de investigação & desenvolvimento de "nível excelente", hospitais com elevado desempenho e de recursos humanos altamente qualificados. "Assim, é razoável ambicionar que Portugal possa encontrar neste sector uma afirmação, quer no mercado interno, quer no competitivo mercado externo", conclui.



rante novas oportunidades de negócio que as empresas cada vez abordam.



PERGUNTAS A

● JOAQUIM CUNHA

DIRETOR-EXECUTIVO
 DA HEALTH CLUSTER PORTUGAL

Afirmação internacional está a ser conseguida

A crise e os cortes na saúde favorece ou limita investimentos nesta área?

A resposta a esta questão tem dois ângulos. Por um lado, o ambiente restritivo e recessivo que estamos a viver limita necessariamente os investimentos nesta área, quer porque os meios libertos pelas empresas são mais baixos, quer porque os financiamentos diminuem, quer, ainda, porque se tende a instalar um clima "depressivo" pouco amigo da inovação. Há, contudo, uma outra perspectiva, em regra seguida pelos mais audazes, que procura encontrar janelas de oportunidade nos momentos de maiores dificuldades. Devo dizer que acredito que este segundo ângulo tem uma boa representatividade na realidade.

Onde pode Portugal chegar nesta área das ciências da saúde?

O nosso país tem vindo a trilhar um caminho de afirmação internacional nesta área. Numa primeira fase, essencialmente na vertente científica e pilotado pelas universidades e institutos que lhes estão associados. Numa segunda, a que estamos a viver, em que é crescente e consistente o papel e o envolvimento das empresas. Esta segunda fase, com a qual o Health Cluster Portugal se identifica e à qual procura dar o seu contributo, permite antever que nos próximos anos seja visível um aumento do número de empresas portuguesas a operar o mercado global da saúde. Portugal reúne, neste domínio, um assinalável potencial que re-

sulta de dispor de um conjunto de empresas já globalizadas, de universidades com forte aposta na inovação, de instituições de I&D de nível excelente, de hospitais com elevado desempenho e de recursos humanos altamente qualificados.

Portugal consegue vingar internacionalmente? Porquê?

As condições para o sucesso no mercado global passam, cada vez mais, pela aposta no conhecimento e, consequentemente, na inovação. Passam pela selecção criteriosa de nichos de mercado/tecnologia onde possam ser maximizadas os nossos pontos mais fortes. E pelo incremento de uma cooperação activa e inteligente entre todos.

É razoável ambicionar que Portugal possa encontrar neste sector uma afirmação, quer no mercado interno, quer, sobretudo, no competitivo mercado externo.

JOAQUIM CUNHA



Capa

Empresa Stab Vida
Fundadores Orfeu Flores, Daniela Leão e Sofia Goes
Ano de criação 2001
Área Genética, diagnóstico molecular e Alzheimer



Stab Vida | Orfeu Flores criou em 2011 a empresa a partir de uma invenção universitária.



Cell2b | Pedro Andrade, Francisco Santos, Daniela Couto e David Braga Malta são os

Stab Vida Continuar a investigar

Através do conhecimento do ADN, a empresa desenvolve ferramentas para diagnóstico e terapia

Orfeu Flores, Daniela Leão e Sofia Goes estão na origem, em 2011, da Stab Vida que nasceu para permitir a comercialização de uma invenção universitária. Não trabalha para o serviço nacional de saúde, garantindo Orfeu Flores que se perspectivam "negócios futuros com a indústria farmacêutica que, até ao momento, nunca foi nossa cliente". Mas o presidente da companhia garante que a carteira de clientes tem vindo a aumentar, o que leva a subidas na facturação e na exportação. E continuam os investimentos nomeadamente em investigação e desenvolvimento. O que faz a Stab Vida? A empresa está ligada a produtos e serviços em genética, nomeadamente

sequenciação de ADN, oligómeros, anticorpos monoclonais, testes genéticos e genómica. Além disso, faz investigação em diagnóstico molecular, com o desenvolvimento de um biochip para despiste da doença de Lyme e faz, também, investigação em terapia da doença de Alzheimer, tendo participado na invenção e teste de imunonanopartículas para ensaios in-vitro com vista à cura desta doença. Muito trabalho, mas como referiu Orfeu Flores, a Stab Vida continua a investir em investigação e desenvolvimento em cerca de 20% do volume de negócios. Orfeu Flores assume que a concorrência nesta área da biotecnologia é forte, em particular vindo dos Estados Unidos da

América, da Ásia e de outros países europeus. "Em Portugal, o sector 'biotech' tem sido demasiado dependente de capitais de risco públicas e do programa QREN (Quadro de Referência Nacional)", explica o mesmo responsável, lamentando que essas capitais de risco "não têm tido sucesso nos seus investimentos, o que inibe um efeito de 'entusiasmo multiplicador'". Apesar de existirem "muito bons" laboratórios nas universidades e institutos. E, por isso, deles "poderão continuar a surgir boas tecnologias e boas oportunidades para as 'start-up' portuguesas fazerem desenvolvimento, validação e comercialização", conclui Orfeu Flores.

Cell2B Avançar para a validação

Nasceu do trabalho de doutoramento dos fundadores. E diz que o seu mercado não

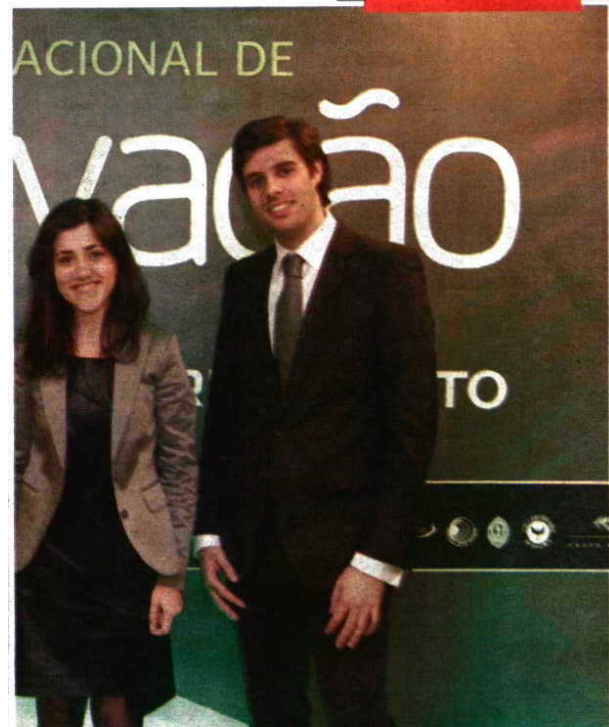
Tudo nasceu em ambiente de investigação. Um grupo de quatro doutorandos desenvolveu uma nova terapia celular, que esteve na origem da Cell2B. "Isolamos, expandimos e processamos células estaminais a partir de amostras de tecido de um dador", explica Daniela Couto, uma das fundadoras da empresa. E assim surgiu uma terapia celular que permite tratar doenças do foro imunológico, o ImmuneSafe, em que as células são isoladas a partir de medula óssea de um dador saudável. As doenças imunológicas afectam hoje cerca de 20 milhões de pessoas em todo o mundo. A terapia, então estudada por quatro doutorandos, foi administrada entre 2007 e 2009 a

seis doentes do IPO (Instituto Português de Oncologia) de Lisboa "e tivemos óptimos resultados". Por isso, conta Daniela Couto, "surgiu a vontade de levar a terapia a todos os doentes que precisam", o que necessita de uma validação clínica, precedente à comercialização da terapia no mercado europeu e, mais tarde, expandir para o mundo. Daniela Couto, David Braga Malta, Pedro Andrade e Francisco Santos acabaram o doutoramento em bioengenharia e biotecnologia e lançaram-se nas lides empresariais. São jovens. Têm 27 e 28 anos. Mas o arranque foi promissor. E além da equipa fundadora, "temos uma equipa de mentores que nos aconselham quer a nível científico,



Empresa Cell2B
Fundadores Daniela Couto, David Braga Malta, Pedro Andrade e Francisco Santos
Ano de criação 2011
Área Processamento celular

Empresa IncreaseTime
Fundadores Raquel Sousa, Gil Gonçalves, João Correia e Pedro Castro
Ano de criação 2011
Área Tecnologia de informação



Paulo Duarte



Increase Time | Raquel Sousa e João Correia são dois dos promotores da empresa.

empresendedores.

clínica

quatro é só Portugal

quer a nível estratégico". Depois dos resultados "muito promissores" no IPO de Lisboa, começa agora a validação pré-clínica na doença do enxerto contra hospedeiro, querendo a Cell2B avançar também na pré-validação clínica em doentes com Crohn, Artrite Reumatóide e rejeição associada à transplantação. "Estes são passos obrigatórios para a empresa ter, posteriormente, autorização para entrar no mercado", diz Daniela Couto, que fala já na comercialização do produto não apenas no mercado europeu, mas pensando já no objectivo final "de expandir para o mercado global, incluindo países como os Estados Unidos da América e Canadá e países emergentes como o Brasil".

Estamos agora a preparar toda a documentação e validação pré-clínica necessária para avaliar as terapêuticas nas fases clínicas.

DANIELA COUTO

Increase Time Telemetria em crescimento

Monitorizar os sinais vitais é meio caminho andado para uma melhor assistência média e tratamento

Em Matosinhos nasceu uma "start-up" de base tecnológica para a área da saúde. Raquel Sousa, Gil Gonçalves, João Correia e Pedro Castro criaram, em Abril do ano passado, a Increase Time que desenvolveu o KeepCare para seguimento do paciente, através de um conjunto de dispositivos sem fios que vão monitorizando os sinais vitais. Além da visualização de dados e informações emitidas pelos sensores, o KeepCare tem um serviço de alertas e um serviço de mensagens. "Esta monitorização permitirá um melhor acompanhamento do paciente e uma resposta mais rápida às necessidades", descreve Raquel Sousa. O KeepCare destina-se a vários tipos de utilizadores, quer na

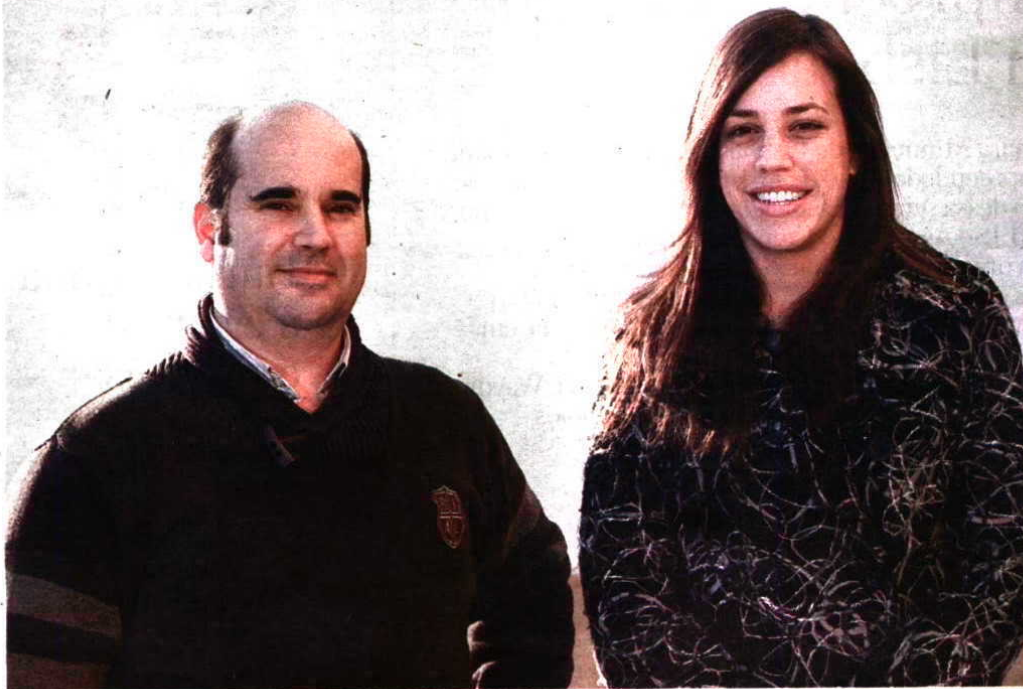
área da saúde, quer nos serviços de apoio domiciliário. "Numa primeira fase, as diligências serão vocacionadas ao segmento de utilização em casa e lares/residências seniores". Raquel Sousa explica que um dos objectivos da empresa é colocar o produto numa entidade de referência nacional até ao final deste ano. O objectivo é atingir as mil subscrições no serviço de monitorização até ao final do ano. "as tecnologias de informação e comunicação (TIC) permitem uma gestão e prestação de cuidados de saúde e de assistência social mais eficientes, bem como o aumento das oportunidades de inovação a nível dos cuidados prestados pela comunidade ou pelos serviços".

Raquel Sousa acrescenta que "muitas das soluções TIC na área da saúde promovem comportamentos saudáveis que visam prevenir doenças e aumentar a qualidade de vida", o que permite reduzir a ocorrência de doenças e os custos associados ao nível do Sistema Nacional de Saúde. Por outro lado, investir em TIC para diagnósticos precoces e tratamentos mais eficazes permite reduzir os custos associados ao tratamento. Por isso, Raquel Sousa acredita que "a telemetria aplicada à saúde é uma área com forte potencial de crescimento". A Increase Time, além dos quatro empreendedores, está ligada à IndexTalent, uma entidade veículo de um fundo de investimento.



Saúde dá vida a novas empresas

O sector da saúde já exportou 900 milhões de euros. Os valores mostram a nova realidade do negócio das ciências da saúde. Corte de custos, envelhecimento da população, maior esperança de vida, descobertas médicas são tudo ingredientes para a criação de empresas e logo a olhar para o mundo.



Paulo Daurte

João Correia e Raquel Sousa fundaram a Increase Time. Os desafios e exigências na saúde garantiram a oportunidade de negócio.